

DOI <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v13.n31.12>

O corpo transgressor: o erotismo na poética de María de los Ángeles Popov

*The Transgressing body: erotism in the poetics of María de los
Ángeles Popov*

Gabriela Nathana de Sousa Cunha*

Alcione Corrêa Alves**

Resumo: O presente artigo faz uma análise do poema “Posición Sexual I”, da poeta afro-colombiana María de los Ángeles Popov, através de uma perspectiva negra e feminina do erotismo. Aposta-se em uma análise do poema à luz do paradigma da interseccionalidade de raça e gênero, como forma de questionar violências imputadas ao corpo de mulheres negras. Para tanto, traçou-se uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, relativa a determinadas instâncias da desumanização do corpo negro; com os dados, a partir da análise proposta, verifica-se, na poética de Popov, um caráter transgressor conferido ao corpo negro feminino, tomado como lugar de enunciação de uma sexualidade plena, reconhecendo o valor gnoseológico da *corpa-negra* como um lugar de produção de conhecimento.

Palavras-chave: Literatura afro-colombiana. María de los Ángeles Popov: poesia. Erotismo. Lugar. Conhecimento.

Abstract: This article proposes an analysis of the poem “Posición Sexual I”, by the Afro-Colombian poet Maria de los Ángeles Popov, through a black and feminine perspective of eroticism. The bets are placed on an analysis of the poem in the light of the paradigm of the intersectionality of race and gender, as a way to question violence imputed to the body of black women. To this end, an exploratory bibliographic research was designed, relating to certain instances of dehumanization of the black body; with the data from the proposed analysis,

* Universidade Federal do Piauí (UFPI).

** Universidade Federal do Piauí (UFPI).

the transgressive character of the female black body is verified, taken as a place of enunciation of a full sexuality, recognizing thegnoseological value of the black body as a place of production, validation and sharing of knowledge.

Keywords: Afro-Colombian literature. Maria de los Ángeles Popov: poetry. Eroticism. Place. Knowledge.

Corpos específicos abrigam o poder, tanto econômico quanto epistêmico,¹ e busca-se também naturalizar suas posições enquanto intelectuais, frequentemente, sem questionar seu papel dentro de uma dominação maior.² Na base deste questionamento, cumpre separar corpo e agência dominadora, sem observá-lo como um corpo branco, europeu e masculino, proprietário de um discurso dominante, em relação ao *epistemicídio* e violências correlatas a outros corpos. Recuperando, por um momento, uma tipologia proposta por Édouard Glissant (2005), no primeiro capítulo de *Introdução a uma poética da diversidade*, poderíamos evocar a noção de *migrante nu*, medula do que este define como Neo-América³: aos migrantes nus, submetidos

¹ Sueli Carneiro (2005), em diálogo com o conceito de biopoder em Michel Foucault, propõe que o corpo burguês enseja um paradigma ideal de Ser, a se sobrepor, discursivamente, a outras classes. Desta referência, aos fins deste artigo, se busca, também, sua formulação ao conceito de *epistemicídio*, bem como a centralidade de processos de racialização em um exame das violências em jogo, no âmbito das análises literárias ora propostas.

² Eis, em linhas gerais, a tese de Gayatri C. Spivak, em seu ensaio *Pode o subalterno falar?* (2010), no âmbito de sua crítica ao lugar do intelectual, em um marco de pós-estruturalismo francês. Nas primeiras páginas de artigo recente, Lívia Maria Natália de Souza (2018, p. 25-28) retoma o ensaio de Spivak, circunscrevendo sua crítica a Foucault e a Deleuze em termos similares aos reivindicados neste artigo.

³ Segundo Glissant, existem três Américas que dialogam entre si: a *Meso-América*, composta pelos povos originários, por exemplo, os povos andinos; a *Euro-América*, a América daqueles vindos da Europa; e a *Neo-América*, “a América onde África prevalece” (Glissant, 2005, p. 16). Verificam-se, em esforços teóricos rumo a uma definição de Caribe, tipologias em diálogo com a proposta por Glissant (algumas das quais por este citadas, na referida passagem de *IPD*); como ponto em comum

à violência do sequestro, “despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade, e mesmo despojados de sua língua” (2005, p. 19), somente lhes resta o corpo e a memória; o corpo finito, corruptível; a memória finita, corruptível.

Como dado não negligenciável a partir da noção de migrante nu, apropriada aos fins deste artigo, cumpre salientar duas particularidades atinentes a estas(es) sujeitas(os): a destituição; a violência. Sobre a primeira, trata-se de concebê-la no percurso de migrantes nu(a)s desde o momento-zero da Travessia (a captura; a subjugação; a viagem no negreiro; a comercialização nos portos americanos; a escravização nas fazendas americanas; a organização política de sujeitas(os) escravizadas(os), incorrendo em seu posterior aquilombamento), com a devida suposição de suas vidas prévias à destituição (presente quando Glissant define o migrante nu como portador de uma “vida cotidiana, mas também, e sobretudo, de [uma] língua” prévias [2005, p. 19]), de modo que se deve tomá-la não como essência mas, antes, como condição social e historicamente dada, imposta a populações africanas subsaarianas por ocasião de sua escravização para fins econômicos, entre os séculos XVI e XIX. Sobre a segunda, o fato de haverem sido sequestrados “à força” (2005 p. 17) assinala a violência ou, conforme Carneiro, o epistemicídio na base de nossa compreensão do migrante nu, visto que, ainda que estas(es) sujeitas(os) sequestradas(os) – no texto, “aquele que foi transportado à força para o continente” – também portem saberes, técnicas e constituições familiares tal como o migrante familiar e, em larga medida, também portem a incumbência de povoamento do continente americano, a estas(es) sujeitas(os) lhes cabe

a estas propostas, se verifica uma caracterização do Caribe e, particularmente, de sujeitas(os) amefricanas(os) e suas respectivas identidades enquanto Neo-América (ou, na tipologia de Charles Wagley, *América de las plantaciones*).

a violência, a desumanização no cerne de sua chegada ao continente americano, da Travessia e de suas justificações

porque o ventre do navio negreiro é o lugar e o momento em que as línguas africanas desaparecem, porque nunca se colocavam juntas no navio negreiro, nem nas plantações, pessoas que falavam a mesma língua. O ser se encontrava dessa maneira despojado de toda espécie de elementos de sua vida cotidiana, mas também, e sobretudo, de sua língua (GLISSANT, 2005, p. 19).

A operação de despojamento de sujeitas(os) negras(os) forçadas(os) à Travessia constitui um epistemicídio fundante a sua chegada às Américas, definidor de sua desumanização naquele contexto histórico preciso e – uma das hipóteses deste artigo, em sua análise de um *corpus* de poesia afro-colombiana contemporânea – de imagens de controle observáveis como um sintoma da manutenção dessa desumanização, no presente.⁴ Se cogitamos que, a este migrante nu, a destituição lhe acomete em todas as dimensões possíveis de modo que não lhe reste senão o corpo e a memória (o corpo e a memória finitos, corruptíveis), talvez se justificasse supor, ainda que apenas para fins de cálculo, a possibilidade de que sujeitas(os) amefricanas(os) tenham, ao longo destes séculos de presença nas Américas, desenvolvido epistemologias nas quais o corpo e a memória ocupem posição significativa na compreensão de seus devires negros, assim como na compreensão de uma relação possível entre o conhecimento produzido e o lugar do qual esse se enuncia:

Neste sentido, [...] busquemos, de fato, compreender a importância epistemológica do lugar à produção e difusão de conhecimento assim como, simultaneamente: questionar a deslegitimação de certos lugares na equação do conhecimento [...]; compreender o corpo-negra enquanto

⁴ Sobre o conceito de *imagens de controle*, ao longo deste artigo, consulte-se, inicialmente: HILL COLLINS, 2019; BUENO, 2020.

lugar de conhecimento, sem contradição a seus limites (os do corpo e os do conhecimento possível) mas tomando-os, igualmente, como instâncias relevantes (ALVES, 2019, p. 180).

O corpo negro é deslegitimado enquanto lugar de conhecimento: pensamo-lo como um corpo natural[izada]mente nascido ao ritmo, à lascívia e à dança de quaisquer ritmos amefricanos, inconcebível como um corpo atrelado ao conhecimento de forma laboriosa, rigorosa e não intrínseca. Assim como o conhecimento, este artigo cogita que o erotismo também se mostra interdito ao corpo negro por meio, por exemplo, de processos de hipersexualização. Desde um marco de pensamento negro americano, cogitemos um cenário no qual reconhecemos e examinemos, mediante os princípios atinentes a nossa comunidade científica, o corpo negro feminino e, sobretudo, a *corpa-negra* como um lugar de difusão, discussão e produção de conhecimento, configurando o corpo de mulheres amefricanas como lugar de enunciação, assim como de produção e validação de conhecimento interseccionados, dentre outras variáveis, pela raça e pelo gênero.⁵

Nesse panorama, o corpo se sublinha de maneira central na poesia de María de los Ángeles Popov,⁶ em cuja obra poética publicada se

⁵ Patricia Hill Collins, no capítulo “Epistemologia feminista negra” (2019, p. 401-432) nos fornece a compreensão de nos ocupar de um referencial teórico de mulheres amefricanas que, enquanto sujeitas de um pensamento feminista negro, possuem a experiência e o corpo como fundamento de suas epistemologias. Por sua vez, o termo *corpa-negra*, em sua tarefa de operacionalizar as análises literárias neste artigo, procede do poema “Corpa negra” (2007, p. 87), do poemário *Negrices em flor*, de Maria Tereza Moreira de Jesus, assim como de sua análise em uma “poética do inacabamento” (MOREIRA, 2020, p. 39-58), na qual, “atenta à dupla subalternização da mulher negra, a escrita assume um discurso que se volta não apenas para o corpo negro, mas, mais especificamente, para o corpo feminino negro. Desse lugar, a escrita se constrói como testemunho de uma memória negra, enquanto ressignificar a diáspora como ato gerador de um ‘corposolo’ também negro”. O recurso à *corpa-negra* aludirá, ao longo das análises literárias, a uma necessidade metodológica de interseccionalidade entre a racialização e o gênero.

⁶ Poeta afro-colombiana nascida na década de 60, em Roldanillo, Valle del Cauca, na Região do Pacífico colombiano, região, por excelência, de população negra.

encontra *Envaginarse* (2007), na qual há poemas eróticos, arquitetados por metáforas que transmutam a sexualidade e o corpo feminino de forma que a vagina se torna casa;⁷ o sexo oral se torna gramatical;⁸ e o corpo se faz mesa.⁹

Na obra de Popov, acompanhamos o protagonismo do corpo feminino mediante vozes de mulheres negras experienciando, em dado momento, a objetificação presente nas primeiras estrofes de “Posición Sexual I”, como veremos a seguir. Tais vozes afiançam uma coletividade forjadora do contexto de escrita dos poemas: “A autoria no contexto minoritário está a reboque da coletividade” (SOUZA, 2018, p. 39). A autoria de María de los Ángeles Popov traz consigo não somente sua subjetividade e insubordinação ao lugar enquanto objeto, na esfera erótica, mas se constrói através da coletividade, emergindo em vozes de mulheres negras construindo na escrita um lugar de agência e, no erótico, um lugar de sujeitas, agentes ante condições social e historicamente dadas, assim como ante o epistemicídio como uma de suas consequências específicas, ao longo dos séculos.

A começar pelo título da obra, no qual Popov centraliza o corpo feminino para além de uma perspectiva falocêntrica, *Envaginarse* traz a agência do órgão sexual se transmutando em sua própria casa, é o corpo feminino enquanto lar erguido de dentro para fora. Esse corpo-lar se apresenta no início do poema “Vagina”: “Casa minha, porta íntima, fachada pintada de alegria, orgasmos em cortinas” (POPOV, 2007, p. 17, tradução nossa).¹⁰ No poema, há elementos próprios a uma casa:

⁷ Poema “Vagina” (POPOV, 2007).

⁸ Poema “Sexo Oral” (POPOV, 2007).

⁹ Poema “Posición Sexual I” (POPOV, 2007).

¹⁰ “Casa mía, puerta íntima, fachada pintada de alegría, orgasmos en cortinas”. Ao longo deste artigo, buscaremos cumprir com o procedimento de tradução dos textos (inclusive, os textos literários, redigidos originalmente em espanhol) ao português brasileiro.

porta, fachada e cortinas; conforme a voz, sujeita de si, a vagina é sua morada, seu íntimo, o caminho que a transporta ao prazer, traduzindo orgasmos em uma cadeia que se abre a um horizonte, denotado pela porta e pela fachada ornamentada de alegria.

A,
mesa,
é,
uma,
mulher,
insatisfeita,
feita,
de,
madeira,
quadraplégica,
[...]
(POPOV, 2007, p.11-12, tradução nossa)¹¹

Em “Posición Sexual I”, percebe-se, aparentemente, a mulher enquanto objeto servil, na forma de mesa, em seu sentido de proximidade àqueles que servem: “a mesa é o que recebe, o que tem a possibilidade de receber tanto às pessoas, à comida, como aos demais seres. Assim, a mesa é tudo o que tem a capacidade para receber” (MUÑOZ, 2016, p. 149). A mesa estaria muito próxima à mulher haja vista os estereótipos antes mencionados, pois ambas, em nossa sociedade, “são tudo o que tem capacidade para receber”. A mulher não dispõe do lugar de quem dá, apenas recebendo a ação, sem agência, impelida à passividade. Todavia, em “Posición sexual I”, a voz poética, sujeita de sua própria sexualidade, enuncia que *A, mesa, é, uma, mulher, insatisfeita*; ambas questionam sua definição exógena a limitá-la apenas ao serviço, ao prazer de quem a utiliza, à recepção da comida e das pessoas, base da insatisfação. O campo do erotismo se define, preponderantemente, em torno e a favor da figura masculina, colocando o ato sexual visando, apenas, ao orgasmo masculino, e a mulher em último plano, eis a

¹¹ “La, mesa, es, una, mujer, insatisfecha, hecha, de, madera, cuadraplégica”.

insatisfação que o poema traz. Assim, mostra-se possível perceber o lugar de enunciação mediante o exame de um erotismo atravessado por raça e por gênero de modo que, através de um paradigma interseccional (HILL COLLINS, 2019, p. 403),¹² este artigo busca compreender a relação entre erotismo e lugar de enunciação, na poesia de Popov.

Isto posto, compreende-se o erotismo (e, conforme nossa hipótese de interpretação: erotismo lido sob um paradigma interseccional) como chave de leitura, visando a uma análise do lugar de enunciação nos poemas de Popov. Perceber-se-á como a poeta se despe do estereótipo desumanizador e hipersexualizado, facultado a seu lugar enquanto mulher negra; a mesa se corporifica em corpo feminino (*A, mesa, deseja, mover, morder, circular, abrir suas pernas [...]*),¹³ designando produção de conhecimento a partir de sua corpa-negra. Sua poesia resgata o saber erótico enquanto poder:

Nossa sabedoria erótica nos empodera, se torna uma lente pela qual escrutinamos todos os aspectos de nossa existência, nos forçando a examiná-los honestamente em termos de seus significados relativos em nossas vidas (LORDE, 1984, p. 3).

O erotismo, quando à distância de nós mesmas(os), tolhe, em certa medida, nossa subjetividade e agência no mundo; através de Lorde, podemos entender o saber erótico como ferramenta para examinar aspectos que permeiam nossa construção enquanto sujeitas(os) de conhecimento. Destarte, postula-se o erotismo enquanto prerrogativa eminentemente humana: “Antes de tudo, o erotismo é exclusivamente

¹² Patricia Hill Collins postula que “[...] Os paradigmas abrangem referenciais interpretativos – por exemplo, a interseccionalidade – que são usados para explicar os fenômenos sociais” (HILL COLLINS, 2019, p. 403). Por meio da interseccionalidade, se buscará vislumbrar problemas que se apresentam não isoladamente mas em uma intersecção entre racialização e gênero de mulheres negras (no caso deste artigo), conforme critérios de um feminismo centrado na experiência de mulheres negras.

¹³ “La, mesa, desea, moverse, morderse, ciclarse, abrir sus piernas [...]” (POPOV, 2007, p. 12).

humano: é sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e vontade dos homens” (PAZ, 1994, p. 16). Acompanhar Paz em sua afirmação, peremptória, de um erotismo exclusivamente humano, talvez não seja, exatamente, nossa justificativa adequada: não somos biólogas(os), nem etólogas(os), para o afirmar com segurança. Contudo, como argumento que nos cabe desde o lugar de enunciação proposto no artigo, talvez tomar o erotismo como prerrogativa eminentemente humana diga respeito à violência, própria ao gesto de hipersexualização, central àquilo que nos desumaniza: ainda que o erotismo não se constitua em panaceia, reivindicá-lo como prerrogativa humana visa a assinalar, precisamente, nossa desumanização em diversos foros, dentre os quais, também, o terreno do erótico. A citação de Paz transmite seu sentido não exatamente ao restringir a exclusividade do erotismo a seres humanos, mas enquanto sintoma de uma desumanização cotidiana de mulheres negras, como talvez não estejamos dispostas(os) a concedê-lo; uma desumanização que não necessita recorrer a casos extremos, como a Vênus de Hotentote, para ser percebida; uma desumanização enquanto procedimento coerente a um gesto de violência que, na análise do texto literário, ao questionar sua literariedade, oferece condições a um questionamento com vistas à negação, à corpa-negra, de dimensões eminentemente humanas como a sexualidade, a complexidade de socialização, a imaginação e a vontade. A definição de Paz, ademais de seu poder de síntese, oferece uma amostra privilegiada de componentes do que se define por erotismo (o exercício complexo da sexualidade, as dinâmicas de socialização, o devido desenvolvimento da imaginação, o exercício da vontade por sujeitas(os) desejantes), componentes que, desde um lugar de enunciação negro, procedendo a uma análise de textos literários, se mostrariam como dimensões interditas à corpa-negra e, nesta condição, indicadores textuais assinaláveis em uma discursividade poética que,

em seu exercício (eminentemente humano) de erotismo, os reivindica em cada verso, em cada tropo, em cada ritmo.

Ademais, é possível sobrelevar, em Popov, individualidade e coletividade, devido à “criação de sua própria dicção”, conforme a perspectiva de Livia Natália (2018), em diálogo com Conceição Evaristo, que diz respeito ao trajeto de escrita que autoras(es), em contexto minoritário, tendem a percorrer ao criar, dentro da linguagem hegemônica, culta, seu próprio estilo de escrita; assim procede Popov através de recursos estilísticos (jogo de ideias e palavras que, em “Posición Sexual I”, se apresentam através da mesa, em seu significado material e cultural). A coletividade é expressa, no nervo de sua poética, no sentido da escrevivência,¹⁴ por cunhar o coro de mulheres negras, há muito hipersexualizadas, estereotipadas. Resgatando Lorde (1984), “o uso do erótico como poder” é instrumentalizado nos poemas de Popov por assinalar uma definição de escrevivência que expõe a produção de conhecimento sobre si e sobre o lugar da corpa-negra, forjando o saber erótico enquanto agência em sua poética.¹⁵

Conforme as referências do presente artigo, cumpre ressaltar que o erotismo configura a vontade dos homens e se faz a partir da imaginação destes, mediante traços assentados: leia-se homens com início e fim no gênero cis-, brancos e europeus, sempre prontos a falar pelas mulheres, sobretudo pelas mulheres negras. Essa fala se

¹⁴ A escrevivência consiste em um termo desenvolvido por Conceição Evaristo, em processo de operacionalização, mediante uma fortuna crítica em crescimento, na comunidade científica dos Estudos Literários amefricanos, no Brasil; aos fins deste artigo, parte-se do artigo em que Livia Natália (2018) procede a uma construção da escrevivência como operador teórico e analítico, de modo a suscitar análises literárias de textos da autoria negra contemporânea a rigor do seu contexto coletivo de enunciação. Ademais do artigo supracitado, se recomenda, como referência posterior a uma apropriação da noção de escrevivência: DUARTE; NUNES, 2020.

¹⁵ A respeito do erotismo (assim como a corpa-negra) enquanto lugar de produção e difusão de conhecimento na poesia brasileira contemporânea, recomenda-se consulta a: SALES, 2012.

sobrepõe, latente, na cultura, mediante o estereótipo animalizador, dentro do qual mulheres negras são pensadas e representadas,¹⁶ implicando na negação do exercício pleno de sua sexualidade visto que ambas condições, sexualidade e erotismo, são tomadas como prerrogativas humanas; e, dentre os sustentáculos do racismo, consta, precisamente, a desumanização de sujeitas(os) racializadas(os).

Decorrente de contextos de escravização, a animalização e hipersexualização da mulher negra a concebe como objeto de dominação sexual, considerando-se os sistemáticos abusos e violações de seu corpo e sexualidade. Vale ressaltar que a escravização e o racismo são fenômenos que se distinguem entre si: o primeiro, algo que ocorreu entre a grande maioria dos povos; o segundo sustenta a demonização do corpo negro, hoje, pelo fato de que identificamos as características fenotípicas do antigo corpo africano, escravizado, ao primeiro contato ante o corpo negro que “permanece, transmutando-se em sinônimo de gente pobre, sinônimo de criminalidade e um ponto de inflamação nas políticas públicas” (MORRISON, 2019). Morrison aponta como o corpo negro carrega um estigma derivado do anterior corpo escravizado, hoje, visto conforme tecnologias outras que o naturalizam como corpo marginalizado; isto nos revela fundamentos, sistematizados pelo racismo, de um corpo negro passível de violência, concebido como corpo público (um óbice à compreensão de seu direito ao erotismo). Quando alinhados racismo e sexismo, percebemos violentas tecnologias como a hipersexualização do corpo negro feminino, nessa teia de violências que tem, como centro, o corpo negro.

¹⁶ Ou, de modo mais efetivo: uma imagem de controle com vistas à desumanização de mulheres negras, mediante hipersexualização. Trata-se de prática presente no imaginário brasileiro, a exemplo da figura da *mulata* (GONZÁLEZ, 2018): negando suas humanidades, são concebidas, assim, como seres que não gozam da prerrogativa de universalidade, circunscritas a uma dimensão ôntica (CARNEIRO, 2005).

No contexto específico da nação colombiana¹⁷ constatamos, à época colonial, teorias baseadas na superioridade de raças, assim como políticas de branqueamento delas decorrentes,¹⁸ culminando em uma espécie de *apartheid* social e racial no país, concentrando a população negra na Região do Pacífico colombiano – vista, no passado, como uma região de difícil acesso, condição a uma estereotipagem de seus habitantes. Essa prática, para além de um rasgo geográfico no país, estabelece relações raciais que repercutem em uma discriminação latente, partindo da população não negra colombiana sobre sujeitas(os) afro-colombianas(os), tidas(os) como amorais, selvagens e, portanto, inferiores. Contudo, em sua significativa capacidade de organização e insurgência, a população afro-colombiana vem construindo, desde o passado escravocrata, epistemologias baseadas em sua relação com a natureza, cultura e política do Pacífico Colombiano.

Atualmente, a desapropriação do território e a violação do corpo de mulheres negras como meios de intimidação de sua população assolam a Região do Pacífico colombiano. Segundo Lerma (2016), a região vivencia um contexto de guerra, por meio do extrativismo mineral exacerbado e pelo recrutamento de jovens negros para o exército, bem como para grupos guerrilheiros como as FARC; práticas que expõem estes jovens a diversas formas de violência e traumas. Esse contexto também converteu o corpo das mulheres da região, especificamente as mais jovens, em arma de guerra e dominação territorial:

A violência contra as mulheres, em sua expressão mais infame: o feminicídio, é uma estratégia de desterritorialização da população

¹⁷ A respeito de uma necessidade metodológica de propor análises literárias comparativas entre textos amefricanos salvaguardando, necessariamente, a especificidade das tecnologias de violência imputadas a sujeitas(os) negras(os) em cada contexto nacional americano, consultar: a formulação ao conceito de *amefricanidade* (GONZÁLEZ, 2018); assim como a noção de *formaciones históricas de alteridad* (SEGATO, 2007).

¹⁸ Sobre este ponto, consultar: CAMARGO, 2011.

negra por parte do capitalismo global que necessita destes territórios para a execução de seus megaprojetos de grande investimento [...] A violência se mostrou de forma especial contra o corpo das mulheres negras[...] A análise da violência contra as mulheres deve superar os âmbitos do privado-familiar e do romântico-passional para ser entendida como estratégia de guerra, na qual o corpo das mulheres é convertido em instrumento de intimidação contra as comunidades que resistem aos processos de desenvolvimento que pretendem expropriá-las de seus territórios (LERMA, 2016, p.112-113, tradução nossa).¹⁹

Essa violência ao corpo de mulheres afro-colombianas, por parte dos grupos que ambicionam a ocupação da região, ademais da dominação patriarcal sobre esses corpos, perfaz amostra de desumanização de corpos negros femininos ao centro de uma rede de opressões complexas, advindas da colonialidade patriarcal-capitalista; todas essas violências que acometem as mulheres negras causam seu deslocamento forçado de suas comunidades a cidades como Cali, Medellín e Bogotá; corpo (natural[izada]mente fora da concepção de humanidade, convertido em arma de guerra) e território confluem; a posse de ambos é negada às mulheres afro-colombianas.

A hipersexualização, como forma de despojamento do corpo negro feminino, também se mostra observável no imaginário colombiano, de maneira notável, assim como diversos estereótipos sobrepostos às múltiplas identidades de sujeitas(os) afro-colombianas(os). O discurso

¹⁹“La violencia contra las mujeres, en su expresión más infame: el feminicidio, es una estrategia de desterritorialización de la población negra por parte del capitalismo global que necesita de esos territorios para la ejecución de sus megaproyectos de gran inversión [...] La violencia se ha ensañado de forma especial contra el cuerpo de las mujeres negras [...] El análisis de la violencia contra las mujeres debe superar los ámbitos de lo privado-familiar y de lo romántico-pasional para ser entendido como estrategia de guerra en la que el cuerpo de las mujeres es convertido en instrumento de intimidación contra las comunidades que se resisten a los procesos desarrollistas que pretenden expropiarlas de sus territorios” (LERMA, 2016, p.112-113).

colonial se vale do estereótipo,²⁰ pois ele nega o Outro – em sua diferença – produzindo representações fixas que simplificam as relações e construções psicossociais desse sujeito ou de seu grupo; o sujeito está fadado à atribuição de uma raça, enquanto significante definidor de sua complexidade. O estereótipo da mulher negra, disponível para sexo, se nutre dessa simplificação de sua identidade fixada; na Colômbia, os estereótipos racistas possuem diversas fisionomias:

Os estereótipos que estão ligados às pessoas afrodescendentes – na Colômbia – são o “fogo”, ligado a hipersexualização dos homens e mulheres afrodescendentes; as habilidades para dançar, a alegria, a irresponsabilidade dos homens frente a suas famílias, a disponibilidade sexual das mulheres negras, a preguiça ou as facilidades para os esportes (VIGOYA *apud* HELLEBRANDOVÁ, 2014, tradução nossa).²¹

Através de tais estereótipos, sujeitas(os) afro-colombianas(os) não se comportam fora desses grupos, apresentando uma forma padronizada de comportamento; prática que culmina em uma violação das múltiplas subjetividades e identidades desses sujeitos. Na mídia

²⁰ Como um dos conceitos correntes em nossa comunidade científica, se pode recorrer à formulação de Homi K. Bhabha: “O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação, que ao negar o jogo da diferença (que a negação do Outro permite), constitui um problema para a *representação* do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais” (BHABHA, 1998, p. 117; grifo do autor). Para fins de redação do presente artigo; e haja vista o atual momento intelectual do Projeto de Pesquisa do qual provém ambos articulistas; assim como a predominância do conceito de estereótipo nas referências aqui citadas e comentadas; o presente texto, por ora, ainda oscila entre os conceitos *estereótipo* e *imagens de controle*, com vistas a uma adoção mais efetiva, em publicações futuras, do segundo conceito, dada sua adequação a investigações desde uma perspectiva amefricana de compreensão do *corpus* literário.

²¹ “Los estereotipos que se vinculan con las personas afrodescendientes — en Colombia — son la ‘calentura’, vinculada a la hipersexualización de los hombres y mujeres afrodescendientes; las habilidades para bailar, la alegría, la irresponsabilidad de los hombres frente a sus familias, la disponibilidad sexual de las mujeres ‘negras’, la pereza o las facilidades para los deportes” (VIGOYA *apud* HELLEBRANDOVÁ, 2014).

colombiana, esses estereótipos também estão presentes, de maneira constante: Valeria Brayan Álvarez (2019) colige matérias e reportagens de diversos jornais colombianos e aponta como as mulheres negras são representadas, em suma, a partir de seus corpos de maneira sexualizada; sob a égide da mestiçagem, a beleza negra só é considerada quando próxima ao ideal branco (e a partir de estereótipos sexuais), definindo a mulher negra “como uma mulher sem escrúpulos em seu comportamento sexual” (ÁLVAREZ, 2019, p. 74, tradução nossa),²² objeto de satisfação do desejo masculino.

Com efeito, este artigo parte da possibilidade de examinar tais estereótipos da mulher negra no exame de arte e, particularmente, da poesia afro-colombiana.²³ A literatura não está solta e nem suspensa no ar: ela emerge de um lugar e de um conhecimento tributário a este lugar (GLISSANT, 2005). Tendo isso em vista, a poesia de autoria negra, em Cuba e no Caribe como um todo, tem seu impulsionamento entre as décadas de 1920 a 1940,²⁴ principalmente por homens, os quais trazem a mulher negra com certo protagonismo sublinhado, contudo, pelo sensualismo exacerbado de uma mulata como objeto de desejo e uma negra que dança, mas não fala;²⁵ a autora discute, em sua análise, como a mulher passa de objeto de contemplação a objeto de desejo

²² “Como una mujer sin escrúpulos en su comportamiento sexual” (ÁLVAREZ, 2019, p. 74).

²³ Reconhecendo o conceito de imagens de controle, este artigo opta por um conceito de estereótipo que siga as referências colombianas com as quais estamos dialogando. Em artigo posterior, desenvolveremos, de modo mais acurado, esta incorporação do conceito de imagens de controle, de modo a somar com análises literárias futuras.

²⁴ Como antologias clássicas deste período temos, por exemplo, a *Antología de poesía negra hispanoamericana*, de Emilio Ballagas (1935), a *Antología de la poesía negra americana*, de Ildefonso Pereda Valdés (1936); a *Órbita de la poesía afrocubana 1928-37*, de Ramón Guirao (1938).

²⁵ Como referência clássica ao tema, consulte-se: ROSADO, 1999. Vara (2019) apresenta elementos ao problema da representação da mulher negra na literatura negrista, em seu *corpus* mais estabelecido (Guillén e Palés Matos, sobretudo).

através da dicotomia *mulher-flor e mulher-fruta*, a primeira enquanto mulher serena a ser apreciada, porém não tocada; a segunda, com certo exotismo e proximidade (PEREIRA, 2009, p. 176-177). A racialização as distingue, a mulher negra percebida como distante do feminino e da fragilidade que veste o corpo branco, limitada ao lugar violento da hipersexualização por não ser vista como uma mulher “pura”.

A análise dos poemas realizada desde uma perspectiva que se preocupa com a representação da mulher revela que esta fica excluída deste ideal absoluto de justiça e de respeito, pois parece difícil construir um projeto que afirme a dignidade da mulata ou da negra somente a partir de sua definição como objeto sexual (PEREIRA, 2009, p. 181, tradução nossa).²⁶

Isto posto, quando o erótico é concedido à mulher negra, o trauma, a dor, o estupro, a hipersexualização – instâncias de violência – vêm antes mesmo de se pensar o erotismo enquanto prerrogativa eminentemente humana, conferida a seres desejantes e possuidores de vontades, conforme Paz (1994), distinto de um erotismo a exercer violência reificando o corpo negro feminino. Não obstante, o erotismo que tece a poesia de María de los Ángeles Popov se arquiteta no título do poema “Posición Sexual I”, acarretando uma compreensão para além da posição no momento do ato sexual; uma posição no mundo, o poema carrega uma forma de questionar paradigmas que trazem, em seu bojo, o risco de interdição de mulheres negras a uma posição-sujeito. Em Popov, mulheres negras enunciam através de seus corpos, sobrepondo a um corpo ferido pela desumanização (através do estereótipo de mulher negra “quente”) uma sexualidade tomada para

²⁶ “El análisis de los poemas realizado desde una perspectiva que se preocupa con la representación de la mujer revela que ésta se queda excluida de este ideal absoluto de justicia y de respeto, pues parece difícil construir un proyecto que afirma la dignidad de la mulata o la negra sólo a partir de su definición como objeto sexual” (PEREIRA, 2009, p. 181).

si como atividade humana por excelência; na posição sexual no título dos poemas, propõe-se uma relação do eu poético com o mundo, em um modo de construir sua própria identidade, através da sexualidade em uma reivindicação de agência. Podemos perceber que, ante os parâmetros incutidos pela doxa masculina branca, no que concerne à sexualidade feminina, Popov traz, em sua poesia, a transgressão a esses interditos.

[...]
A,
mesa,
fica quieta,
pensa,
cheira,
se saboreia,
compartilha seu sabor com a madeira
[...]
A,
mesa,
deseja,
mover,
mover,
circular,
abrir suas pernas,
mastigar,
deixar faminta a vergonha,
ficar por um segundo satisfeita
(POPOV, 2007, p. 11-12, tradução nossa)²⁷

No poema, à mesa, mediante prosopopeia, devêm qualidades humanas: ela se torna mulher, desde o início do poema em um lugar de insatisfação; a mulher-mesa se põe introspectiva, *deseja*, *pensa*, *cheira*; nesse momento do poema entende-se que a mulher, figurando o eu lírico, começa, em ascendência, a pensar no lugar como objeto e deseja *se mover* dele. No momento seguinte ela *se saboreia*, se toca, sente seu gosto e o poder que seu corpo pode lhe oferecer; a transgressão ao interdito produz a descoberta do prazer, por excelência,

²⁷ “La, mesa, se queda quieta, piensa, ofaltea, se saborea, comparte la sazón con la madera [...] La, mesa, desea, moverse, morderse, circularse, abrir sus piernas, masticarse, dejar famélica la verguenza, quedar por un segundo satisfecha”.

âmago do erotismo enquanto caminho à subjetividade. Audre Lorde (1984) nos apresenta os usos do erótico enquanto poder: “O erótico é um recurso de cada uma de nós, que paira num plano profundamente feminino e espiritual, firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos impronunciados ou não reconhecidos” (LORDE, 1984, p. 1). Através dessa concepção do erótico como força plenamente feminina e poderosa, nota-se o entendimento dessa força, no poema, a partir do reconhecimento do prazer que seu corpo pode brindar; por meio da masturbação, essa força o impulsiona ao desejo de *se mover, morder, circular, abrir suas pernas, deixar faminta sua vergonha e ficar por um segundo satisfeita*, ações circunscritas ao ato sexual. A mesa se reivindica sujeita ativa de sua própria sexualidade, como uma força motriz ao reconhecimento do próprio ser; essa edificação da subjetividade se destaca pela resistência da mesa a sua objetificação e a sua passividade.

No último trecho de “Posición Sexual I”, a mesa ganha novo tom, partindo da reivindicação de sua sexualidade, iniciada nas duas estrofes analisadas anteriormente:

[...]
A,
mesa,
pretende,
comer o sexo,
se envaginar,
compartilhar sua carne,
[...]
ficar nua,
deixar sua libido anoréxica,
soltar seus orgasmos em bulimia,
se tornar guardanapo,
para esfregar a boca ao jantar
e gritar que está insatisfeita
(POPOV, 2007, p.11-12, tradução nossa)²⁸

²⁸ “[...]la, mesa, pretende, comerse el sexo, envaginarse, compartir su carne, [...] quedar al desnudo, dejar su libido anorexica, soltar sus orgasmos en bulimia, volverse servilleta, para restregarle la boca al comensal y gritarle que está insatisfecha”.

A mulher-mesa se apresenta como sujeita de desejo, recusando uma condição de objeto, servil, de modo a empreender um processo de significação de seu corpo: *A mesa pretende comer o sexo, se envaginar*, onde *comer o sexo* adquire uma conotação de alinhamento a seu órgão sexual, metamorfoseando-se no mesmo. Eis o anseio da mesa de ter a liberdade de compartilhar o seu corpo, deixá-lo nu e faminto, fazendo soar seus orgasmos. Nos sons do gozo, uma libertação das amarras antes conferidas à insatisfação (presente desde a primeira parte do poema). Ao se transmutar em guardanapo (para limpar a boca e gritar sua insatisfação), propõe-se, na emergência deste grito, a resistência de uma voz poética, insatisfeita; porém, distintamente da violência que a insere, de modo exógeno, a uma posição de insatisfação, esta voz ecoa desde um lugar de agência, no qual a insatisfação passa a reivindicar, significando, um lugar de sujeita de desejo:

Em toque com o erótico, eu me torno menos disposta a aceitar desempoderamento, ou esses outros estados fornecidos de ser que não são nativos para mim, tais como resignação, desespero, autoaniquilamento, depressão, autonegação [...] Reconhecer o poder do erótico em nossas vidas pode nos dar energia para alcançar mudança genuína dentro de nosso mundo (LORDE, 1984, p. 3-4).

A compreensão adquirida, neste reconhecimento do poder erótico, perpassa seu significado sexual chegando ao toque do erótico enquanto impulsionador de uma recusa ou, ao menos, de uma disposição “a aceitar desempoderamento, ou esses outros *estados* fornecidos *de ser que não são nativos para mim* (grifos nossos); a potência desde o erotismo proporciona “energia para alcançar mudança genuína dentro de nosso mundo” ante as forças que tentam torná-lo dominado pelos múltiplos interditos atrelados à dominação masculina, similares aos que coagem a mulher-mesa à insatisfação. Essa mulher se põe a pensar sobre seu estado, se move, entende o erótico como potência e não

aceita mais “estados que não são nativos”, em uma nota assinalando a sujeição da corpa-negra não como sua condição, tampouco essência, mas, antes, contingência relacionada às violências de raça e de gênero que a atravessam em todas as dimensões da sujeita negra, incluso de seu erotismo. Através do seu grito de insatisfação, ela reconhece seu poder e a possibilidade de alcançar a força para agir sobre as condições a ela impostas: percebe-se, no poema, o protagonismo do corpo pela mulher-mesa, em um texto em que a produção e a difusão de conhecimento têm lugar desde e mediante a corpa-mesa, através de sua reivindicação de um exercício de sexualidade plena.

Nesta análise de “Posición Sexual I”, compreende-se o corpo como forma de transgressão ramificada, o corpo feminino negro fissurando paradigmas nos quais se lhe destina, de modo exógeno, uma posição de subalternidade, dentro da esfera da sexualidade. Popov apresenta, por meio de sua voz poética, um erotismo pleno e, sobretudo, humano. A transmutação em mesa, no poema, já não faculta um objeto servil, mas um caminho para reconhecer uma potência erótica inerente à humanidade do corpo. A partir do entendimento do erotismo enquanto atividade eminentemente humana, examinado desde uma perspectiva interseccional de racialização e de gênero, podemos compreender, em Popov, o erotismo da mesa como caminho de reconhecimento de sua potência erótica pelo lugar antes de insatisfação e, ao final, de orgasmo liberto de interditos ao exercício pleno de sua sexualidade. Essa dimensão faculta produção de conhecimento a partir da corpa-negra, fundamentando uma compreensão da poesia de Popov como produção e discussão de conhecimento através do corpo, processo em que a poeta se põe como sujeita de saber erótico, questionando bases subjacentes a um erotismo de base ocidental (branco); e entendendo a corpa-negra como lugar de erotismo, de afetividade e de conhecimento, transgressor na poesia de Popov em seu questionamento a paradigmas

impermeáveis à expressão epistêmica (e erótica) de corpos reconhecidos como seus Outros.

Referências

ÁLVAREZ, Valeria Brayan. *Sistema social racializado: representaciones de las mujeres negras em Colombia durante el período 2001-2018*. Universidad Santo Tomás: Facultad de Sociología. Bogotá, 2019.

ALVES, Alcione Correa. [Uma vez mais], Mulheres deixam traços nas águas? *Estação literária*, v. 23, p. 173-188, 2019.

BHABHA, Homi K. *O local de cultura*. Tradução: Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BUENO, Winnie. *Imagens de Controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*. Porto Alegre: Zouk Editora, 2020.

CAMARGO, Moraima González. Las comunidades afro frente el racismo en Colombia. *Encuentros*, v. 9, n. 2, p. 51-60, julio-diciembre, 2011.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DUARTE, Constancia Lima; NUNES, Isabella Rosado (organizadoras). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 1. ed., 2020.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução: Eunice do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, v. 1, 2005. (Coleção Cultura).

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia González em primeira pessoa...* Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

HELLEBRANDOVÁ, Klára. Escapando a los estereotipos (sexuales) racializados: el caso de las personas afrodescendientes de clase media en Bogotá. *Revista de Estudios Sociales*, n. 49, p. 87-100, mayo-agosto, 2014.

HILL COLLINS, Patricia. *Pensamento feminista negro*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

LERMA, Betty Ruth Lozano. *Tejiendo con retazos de memorias insurgencias epistémicas de mujeres negras/afrocolombianas*. Aportes a un feminismo negro decolonial. Cali, Colombia. 2016.

LORDE, Audre. *Usos do erótico: o erótico como poder*. Traduzido por Tate Ann. Sister outsider: essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series, p. 53-59, 1984.

MOREIRA, Terezinha Taborda. Uma poética do inacabamento: a escrita literária de Maria Tereza. *Aletria: Revista de estudos de Literatura*, 30(2), 2020, p. 39-58.

MORRISON, Toni. *A fonte da autoestima*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2019.

MUÑOZ, Benjamim Panduro. Convivência e mesa: fundamento inclusivo para a integração social. Tradução Rosângela Fachel de Medeiros. *Revista de Ciências Humanas – Educação*. v. 17, n. 28, p. 141-157, jul. 2016.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.

PEREIRA, Prisca Agustoni de Almeida. El otro exílio de Eva: imaginário y representación de la mujer negra en la poesía negra hispano-americana. *Gragoatá*, Niterói, n. 27, p. 169-187, 2. sem. 2009.

POPOV, María de los Ángeles. *Envaginarse*. Santiago de Cali: Editorial Universidad del Valle, 2007.

ROSADO, Maria Esther Ramos. *La mujer negra en la literatura Puertorriqueña: cuentística de los setenta*. San Juan, Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1999.

SALES, Cristian S. Expressões do erotismo e sexualidade na poesia brasileira contemporânea. *Revista Artemis*, v. 4, ago-dez. 2012.

SEGATO, Rita. Raza es signo. *La nación y sus otros: raza, etnicidad y diversidad religiosa en tiempos de políticas de la identidad*. Buenos Aires: Prometeo, 2007, p. 131-150.

SOUZA, Livia Maria Natália de. Uma reflexão sobre os discursos menores ou a escrevivência como narrativa subalterna. *Revista Crioula*, 21, p. 25-43, 2018.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: EdUFMG, 2010.

TEREZA, Maria. *Negrices em flor*. São Paulo: Edições Toró, 2007.

VARA, Ana María. Recursos naturales y recursos humanos: raza, género y rebelión en la poesía de Nicolás Guillén. *Feminismos y poscolonialidad*. Karina Andrea Bidaseca y Vanesa Vásquez Laba (organizadoras). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: EGodot Argentina, 2019, 1a. edición. Libro digital, EPub. Uuid: 2651e02e-294c-44d0-9031-ea4bf2d04104.

Recebido em: 31/03/2021

Aprovado em: 05/10/2021